

Livros e Leitura: Algumas reflexões acerca do Espaço e do Tempo dos Livros na Promoção da Linguagem e Literacia em Contexto do Espaço Lúdico para a Infância da Escola Superior de Educação de Bragança

Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro
Manuel Luís Pinto Castanheira
Telma Maria Gonçalves Queiros
Instituto Politécnico de Bragança,
Quinta de Santa Apolónia

Pretendemos partilhar a nossa experiência de promoção da literacia num espaço físico concreto: O Espaço Lúdico para a Infância (ELI) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Trata-se de um espaço Lúdico que, além da requisição bibliográfica, se assume também como um local privilegiado de motivação para a leitura e escrita, em que os alunos de formação inicial da ESEB, futuros Educadores/professores desenvolvem projectos de promoção da literacia, direccionados a crianças da creche ao 2º Ciclo de escolaridade.

1 – Literacia como competência emergente

Por literacia entendemos o domínio da leitura, escrita, entre um conjunto de outros actos criativos ou analíticos associados ao conhecimento e competência numa particular área de desempenho. Desde a década de 80 do séc. XX que educadores e investigadores têm revisto as suas perspectivas sobre como e quando a criança inicia a sua aprendizagem literária. Segundo a perspectiva de literacia emergente, esta aprendizagem é complexa quer do ponto de vista sociológico e psicológico, quer do ponto de vista linguístico (Notari, O'Connor, Vadasy, 2001).

Ler é um processo multifacetado e complexo e requer uma aproximação pela aprendizagem que envolva vários elementos. Experiências linguísticas, ao longo da infância, mais precisamente desde o nascimento até cerca dos oito anos, determinam o desenvolvimento da literacia. A aprendizagem inicial da leitura e escrita requer que a criança reconheça os sons da língua, compreenda que estes sons variem nas palavras, tal como variam os símbolos da escrita e que associe os sons à sua grafia (Sulzby&Teale, 1996). Mas, para além desta informação, uma criança necessita de conhecer regras e convenções associadas aos materiais escritos, que dêem sentido ao que lê e desenvolvam o gosto por actividades de lecto-escrita.



1.1 – A Leitura e os Livros em Espaço Lúdico para a infância

A produção bibliográfica em torno da problemática da criança não é ainda hoje avultada. Tardou para que as Ciências Sociais e Humanas focassem a criança e a infância como objectos centrais das suas pesquisas. Demorou ainda mais tempo para que centrassem as suas análises nas relações entre Sociedade, Infância e Escola, entendendo a criança como sujeito histórico e de direitos, tendo como eixo das suas investigações o registo das “falas” das crianças. Procurou interpretar-se as suas representações do mundo, entender o complexo e multifacetado processo de construção social da infância e o papel que a escola tem vindo a desempenhar diante desta invenção da modernidade pedagógica.

Localizámos na Literatura Educacional, vários teóricos preocupados em delinear uma nova proposta educativa. Uns com o propósito de salvar as almas, através do restabelecimento da disciplina e do ensino do Cristianismo, outros na tentativa de garantir uma socialização e um conseqüente domínio das ciências, letras e instrumentos de produção.

Ao longo dos tempos a investigação sobre a criança tem sido objecto de estudo de diferentes formas. Até ao século XX as investigações centravam-se nos cuidados e na assistência à criança. No decorrer do século XX, e já de pois dos estudos pioneiros de Phillippe Ariès, que decorreram no início do anos 60, sobre a história do modo pelo qual a modernidade do ocidente se apercebe das crianças, as investigações passaram a fazerem-se sobre a pedagogia da criança, ou seja, como ensinar. Actualmente assiste-se a novas investigações, que assentam essencialmente como a criança cidadã.

Sendo assim, consideramos que será neste vector de investigação que assenta também este relato de experiência, uma vez que, é essencialmente direccionada como contributo para ajudar as crianças a serem melhores cidadãos, onde a literacia ocupa lugar de destaque.

O Espaço Lúdico para a Infância (ELI) da Escola Superior de Educação de Bragança (ESEB) a funcionar desde a criação da escola em 1986, trata-se de um espaço vocacionado para a promoção da actividade lúdica da criança, sendo uma estrutura de apoio à formação de professores e educadores. O ELI disponibiliza e coloca ao dispor dos alunos, todos os recursos indispensáveis para a realização das actividades. Funciona como uma oficina de experiências e suporte à dinamização de projectos pedagógicos direccionados para as crianças do Ensino Pré-escolar e do 1º Ciclo da cidade e distrito de Bragança, fomentando a literacia, que tão necessitada está deste tipo de ofertas. Tem como missão primordial o desenvolvimento integral da personalidade da criança, através do jogo orientado e da exploração do livro, onde a dinamização de leitura e situações de aprendizagem com o lúdico seja uma constante. Porque está integrado numa instituição escolar, o período de funcionamento deste espaço é entre as 9.00h-12.00h e 14.00h-16.30h.

Sendo vários os objectivos da nossa acção, destacamos aqueles que consideramos serem os mais importantes:



- * Apoiar projectos de investigação, experiências de interesse pedagógico e propostas de actividades que contribuam para valorizar a prática pedagógica dos alunos da ESEB;
- * Colaborar de forma activa com os Departamentos e Áreas científico-pedagógicas da ESEB, sempre que seja pedida a nossa cooperação;
- * Desenvolver actividades que, no domínio específico do Espaço Lúdico, vão de encontro aos projectos educativos dos Jardins-de-infância e das Escolas de Primeiro Ciclo do Distrito de Bragança;
- * Promover acções de formação no domínio da actividade lúdica da criança;
- * Implementar actividades de dinamização de leitura que promovam nas crianças o prazer de ler;
- * Difundir as suas actividades na ESEB, no IPB e junto da Comunidade, em geral;

Trata-se de um espaço aberto à comunidade escolar, respondendo às necessidades e desafios que nos coloca o nosso público-alvo: as crianças.

O Espaço está dividido em 2 grandes áreas: numa encontra-se o espaço da Biblioteca com livros para a infancia, para consulta e requisição, funcionando também como o espaço de apresentação de oficina do livro e de representações. A outra área é destinada ao lúdico. Está dividido em várias áreas flexíveis de actividades: Riscos e rabiscos, Compras, casa das Bonecas e Máquinas, Cozinha, Jogos, construções e invenções, Expressão dramática. Todo o espaço serve também para a realização de exposições.

Não existe uma rotina de tempo pré-determinada para cada uma das actividades, porém existe uma organização do tempo, de forma a proporcionar às crianças oportunidades de estabelecer diferentes tipos de interacção, quer em grande, quer em pequeno grupo e a explorarem todas as virtualidades do Espaço Lúdico.

No início de cada ano lectivo é apresentado o Projecto anual a desenvolver neste espaço e feita a respectiva divulgação. Assim, é enviada informação detalhada sobre as actividades a realizar a todas as escolas do 1º ciclo e jardins-de-infância da cidade e todos os agrupamentos escolares do distrito de Bragança, bem como a todas as Instituições do Distrito com estes níveis de ensino. A dinamização do espaço do ELI contempla como alvo não só as crianças com os professores, mas também os pais com os filhos, não só pela sua exploração livre como em actividades bem estruturadas, como a hora do conto ou as dramatizações.

E, porque entendemos que esta é uma área que deve necessariamente interagir com vários Departamentos da ESEB, sugerimos e incentivamos os Departamentos de Supervisão da Prática Pedagógica, Departamento de Português, Educação Visual e Tecnológica, Educação Musical e Drama bem como dos alunos da ESEB a prestar colaboração com este Espaço Lúdico, sempre que lhes seja possível.

Procurámos, pela 1ª vez, no ano lectivo 2006/2007 alargar o público-alvo participante nestas actividades no espaço do ELI. Assim, além da participação das crianças dos Jardins-de-infância e escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico, participaram ainda as crianças das creches e das amas familiares da cidade. As crianças das amas deslocavam-se ao ELI semanalmente com a companhia



das respectivas mães e alguns pais. Tratou-se de uma experiência inovadora e a repetir. Estas actividades sobre a literacia emergente evidenciaram o papel activo e participado das crianças em qualquer idade no processo de apreensão da linguagem oral e escrita, “A aquisição destes conhecimentos precoces parece desempenhar um papel importante posteriormente durante a aprendizagem formal da escrita (Alves Martins 1996; Chauveau e Rogovas Chauveau, 1994 cit in Mata Lourdes, 2006: 13). Estes contactos e interacções precoces vão proporcionar oportunidades às crianças para, de um modo contextualizado e significativo, gradualmente descobrirem e aprenderem algumas das muitas características e convenções do código escrito (Ibid).

Este projecto saiu também do espaço físico do ELI, com a realização de actividades para as crianças internadas no Centro Hospitalar do Nordeste em Bragança e aos utentes da Associação dos Pais e Amigos do Diminuído Intelectual de Bragança (APADI), bem como, as escolas do 2ª ciclo. Para tal, deslocava-se um grupo de alunos da ESEB às respectivas instituições.

É actualmente evidente que a leitura de histórias promove uma variedade de competências nas crianças. Segundo Teale (citado por Campbell 2001) é durante a leitura de histórias que as crianças aprendem sobre a estrutura da língua escrita, sobre a organização do material impresso nos livros, para além de desenvolverem o vocabulário, capacidades de manutenção na tarefa (atenção e concentração) e interagirem com o adulto e os pares.

O Educador/Professor sabe que ao ler histórias às crianças está a desenvolver a sua atenção, permitindo-lhes interagir construtivamente no decorrer da narrativa.

A leitura de histórias, em contexto de ELI, é frequentemente uma actividade interactiva. Estas interacções sobre um texto lido devem ser encorajadas pelo futuro Educador/Professor e podem preceder a leitura do texto ou ocorrer durante o mesmo.

Antes da leitura, o futuro Educador/Professor pode explorar elementos do livro. Vejamos alguns exemplos: “Sabem que livro é este?”; “O que vemos aqui na capa?” “Que imagem é esta?”; “O que estará aqui escrito?”(apontando para o título); “Sabem quem escreveu esta história?”(apontando para o autor)

Durante a leitura, o futuro Educador/ Professor pode propor que as crianças produzam predições sobre o texto:”Que acham que aconteceu a seguir?”; “Como resolveu ele o problema?”.

2 – Panorâmica actual da narrativa de autores portugueses para a Infância

A Literatura infanto-juvenil é aquela que “é especialmente escrita ou se considera especialmente adequada para crianças e jovens”. A sua origem confunde-se com a própria origem da literatura. Este tipo de produção literária tem indubitavelmente a sua raiz na literatura popular ou tradicional, que é uma literatura de conteúdo fantástico, recheada de mitos, sagas e situações do maravilhoso e que, por isso mesmo, cativa crianças e jovens.

Fábulas, lendas, mitos, contos maravilhosos e novelas de cavalaria são



narrativas que circularam por via oral e, podemos dizer, constituem a pré-história da literatura infanto-juvenil. Foi durante séculos que as crianças escutaram as narrativas dos mais velhos em serões junto ao calor da lareira...

Formas da expressão oral do povo, os contos representam as suas angústias e medos face ao desconhecido, às forças da natureza, que se sentia impotente para controlar, face à própria morte; daí nasceu, provavelmente, a figura maléfica da bruxa, do feiticeiro...

2.1 – Diversidade Temática e Estilística na Escrita Contemporânea para Crianças

Com efeito, se toda a literatura é de “encomenda impossível”, a literatura para a infância é-o como nenhuma outra. Só pode e deve escrever para crianças quem se sintá impelido por um imperativo próprio.

A este propósito afirma José Jorge Letria:

«Escrever para os mais jovens é uma forma de deixarmos aceso o lume do sentimento mágico da vida, o único aliás que pode decretar, em qualquer praça, em qualquer livro, em qualquer sala de aula o direito de mantermos a infância viva em nós, muito para além do prazo de validade que artificialmente costuma ser-lhe atribuído]» (Letria, 1994,p.12)

Também a respeito da escrita para crianças, afirma Maria Alberta Menéres:

«Uma escrita tem de dizer, comunicar sempre qualquer coisa. Para valer a pena.» (Menéres , 1993, p.19)

É precisamente esta a característica comum a todas as obras literárias dos autores que constituem o nosso corpus de trabalho no Espaço Lúdico da ESEB.

As principais linhas condutoras da sua escrita têm em comum os aspectos seguintes:

- * A reescrita da tradição e da oralidade e a reinvenção do maravilhoso;
- * A exploração do humor, da imaginação, do fantástico, do non-sense;
- * O percurso do sujeito pelas vias da introspecção, emergindo este com sede de afectos e interrogações;
- * A intensificação das potencialidades poéticas e rítmicas da língua, em prosa ou verso;
- * O jogo com as palavras.

Quando escrevem textos para os mais novos, os escritores vêm-se confrontados com uma dicotomia: por um lado enveredar por um caminho de fantasia, onde todas as invenções e mitos têm entrada. Esse é um universo de magia, habitado por fadas e duendes, bruxas e gigantes, objectos e animais falantes. Aí viceja o non-sense e reina a imaginação.

Por outro lado, coloca-se-lhes a questão de enveredar pelo caminho do realismo, revelando pessoas e situações autênticas ou possíveis. Todos os lugares do mundo aí cabem e todos os que neles habitam. Podemos afirmar, sem prejuízo de erro, que os escritores que escolhemos são representativos de ambas as vertentes.

Todas as temáticas têm lugar, quando se trata de escrever obras cujos destinatários são as crianças, sendo que elas são perspectivadas pela sociedade



do séc. XX como seres que têm de ser cada vez mais conscientes da realidade envolvente e que são solicitados a participar nessa mesma realidade, de forma activa.

Luísa Ducla Soares explicita esta ideia, subjacente também à escrita dos outros escritores escolhidos, através das seguintes palavras:

«Tenho escrito sobre a guerra, a doença, o racismo. Temas tabus? Julgo que não. No entanto, o bom senso deverá ajudar-nos a dosear a porção de tragédia, a fornecer a uma criança, a um jovem, de forma a não incutir desesperança. Pertencemos ao planeta Terra. E esse planeta é de todos nós, principalmente das crianças que nasceram na época da globalização. Escrever para elas sobre a guerra é vaciná-las para a paz.» (Soares, 2004)

O poder das boas histórias infantis é, mais do que nunca, entendido como o facto de terem múltiplos significados para o desenvolvimento da criança e contribuírem para a riqueza psicológica de cada um. Quer no domínio da fantasia, quer no domínio da ficção realista, o conto continua a reflectir problemas essenciais da existência humana, à semelhança do Conto Tradicional, mas vai também abrir-se a problemáticas novas, decorrentes de um olhar atento sobre o mundo que nos rodeia.

Na escrita contemporânea para crianças estão bem presentes preocupações com prementes assuntos actuais, tais como: o direito à diferença, o valor da solidariedade, a importância da ecologia e o valor do equilíbrio do meio ambiente.

3 – Projectos do Espaço Lúdico para a Infância no âmbito do Plano Nacional de Leitura

3.1- O Sub-género literário Conto como base de trabalho

Os contos estão de tal forma adequados às crianças que se encontram nas faixas etárias abrangidas pelos nossos Projectos de Leitura, que as crianças sentem como próprios e familiares os assuntos, as personagens e os cenários, das estórias apresentadas, que lhes servem para ir desenvolvendo o seu próprio conhecimento sobre o mundo.

Eles fornecem respostas que variam conforme as culturas e a sua organização social, mas uma mensagem perpassa em todos eles, independentemente da atitude donde ele seja originário: certos perigos, situações e problemas podem ser ultrapassados se forem encarados com firmeza.

Na sua obra *Psicanálise dos Contos de Fadas*¹, Bruno Bettelheim reflecte sobre o modo como o conto apresenta as situações, permitindo que a criança se sinta, de alguma forma inserida na história e, assim, se mantenha alertada e distanciada

¹ BETTELHEIM, Bruno, *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Bertrand Editora, 8ª ed., Venda Nova, 1999.



de perigos e situações complicadas da vida real. O conto assume, pois, uma função formativa, ajudando a criança a evoluir de uma idade para outra, de uma etapa de desenvolvimento da personalidade para outra, através de dolorosas mudanças físicas e morais.

3.2 – Plano de Leitura Ler Mais e os Projectos Leituras a Muitas Vozes e Oficinas de Histórias

Em articulação com o *Plano Nacional de Leitura*, o ELI da ESEB programou para o presente ano lectivo vários Projectos promoção da literacia , que se destinam a crianças de várias faixas etárias, que vão da Creche ao segundo Ciclo de escolaridade.

Falaremos, na nossa apresentação, de dois dos Projectos: **Leituras a Muitas Vozes e Oficinas de Histórias**, destinados a crianças da Creche e do Pré-escolar e 1ºCiclo.

O primeiro projecto consiste numa selecção de contos de autores estrangeiros, cumprindo o objectivo de dar a conhecer às nossas crianças o que de melhor existe para elas, em termos estéticos e literários, vindo de outros países.

Foram apresentadas, a título de exemplo, as obras:

- O rinoceronte encarnado*, de Alan Rogers;
- Um bocadinho de Inverno*, de Paul Stewart
- João Porcalhão*, de David Roberts;
- Os três Chibos Sabichões*, de Olalla González;
- A Máquina Infernal*, de Alain Corbel;
- A ovelhinha que veio para o Jantar*, de Steve Smallman;
- Tio lobo*, de Xosé Ballesteros
- É Duro Ter cinco anos*, de Jamie Lee Curtis.

O segundo projecto destina-se a dar a conhecer obras de autores portugueses contemporâneos para a Infância. Definimos um corpus constituído por clássicos e modernos, mas todos eles essenciais, do qual fazem parte: Sophia de Mello Breyner Andresen, José Jorge Letria, Luísa Ducla Soares, António Torrado, António Mota, Anabela Mimoso e Luísa Monteiro.

Muitos outros nomes poderiam ser escolhidos, mas entendemos que estes são uma amostra representativa da boa escrita para a infância, em Portugal. De cada um destes autores foi escolhida uma obra, que foi apresentada em contexto de ELI, na presença de uma turma de crianças de Creche, Pré-escolar, ou 1º Ciclo.

4 – Conclusão

A literatura para a infância parece apresentar características que em nossa opinião a tornam um meio privilegiado de criar relações. Pode funcionar como uma ponte entre o mundo da fantasia e imaginação da criança e o mundo dos conhecimentos do real, estratégias e formas de raciocínio que a instituição escolar pretende transmitir.

Uma ideia fundamental é a de que o gosto pelo livro se vai construindo no percurso educativo da criança, em que se podem identificar alguns agentes responsáveis: o meio familiar, o social, o escolar ou um Espaço Lúdico.

As actividades que podem e devem ser dinamizadas num espaço lúdico para a infância têm um papel fundamental no despertar a criança para mundo dos livros, estas podem ser: o visionamento de livros de imagens, as histórias contadas oralmente, assim como as histórias enriquecidas por power-point, música e teatralização, os jogos lúdicos e as dramatizações.

É nossa preocupação que o livro surja para a criança como uma resposta viva à procura e à necessidade de explorar o que a rodeia, de acordo com o seu estágio de desenvolvimento.

Através das histórias, a imaginação, a curiosidade e a emoção desenvolvem-se, dando à criança um sentido diferente de adaptação à realidade que esta pode integrar de forma mais ou menos intensa, construindo-se como pessoa.

Em jeito de conclusão, deixamo-vos as palavras do pedopsiquiatra Pedro Strecht, extraídas da sua obra: *Quero-te Muito*:

«O poder das boas histórias infantis é o de terem múltiplos significados para o desenvolvimento e contribuir para a riqueza psicológica de cada um. Hoje em dia, em Portugal [...] Muitas pessoas não têm ainda capacidade de compreender, tirar significados ou prazer de um texto e de uma leitura. O consumo de livros é ainda dos mais baixos da Europa. Por outro lado, as novas tecnologias de informação seduzem de imediato e atraem cada vez mais. (...)»

Para as crianças poderem ler cada vez mais e, assim, crescerem criativas, felizes e sabedoras dêem-lhes cidades, espaços, pessoas, escolas onde elas possam ler tudo isto. E depois ofereçam-lhes as vossas histórias, comuniquem.²

Bibliografia Consultada:

AZEVEDO, Fernando (2007) *Formar Leitores (das Teorias às Práticas)*. Lisboa. Editora Lidel.

BARRETO, (1998) *Garcia, Literatura para Crianças e Jovens em Portugal*, Porto, Editora Campo das Letras;

BETTLEHEIM, Bruno (1999), *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Venda Nova, Bertrand Editora, 8ª ed.

DIOGO, Américo António Lindeza (1994) *Literatura Infantil: História, Teoria, Interpretações*. Porto. Porto Editora.

² Strecht, Pedro (2004): *Quero-te Muito*, Assírio e Alvim, pp.81-82.



LETRIA, José Jorge (1994) *Do Sentimento Mágico da Vida*, Lisboa. Edições Escritor.

MATA, Lourdes, (2006) *Literacia Familiar: Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto, Porto editora.

MENÉRES, Maria Alberta (1993) *O que é Imaginação?*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

ROCHA, Natércia, (1992) *Breve História da Literatura para crianças em Portugal*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa;

SOARES, Luísa Ducla (2004): “Escrever para Crianças sobre a Guerra”, Comunicação apresentada no Congresso Luso-galaico, na Biblioteca Almeida Garrett.

STRECHT, Pedro (2004): *Quero-te Muito*. Lisboa. Editora Assírio e Alvim.

TRAÇA, Maria Emília, (1992) *O Fio da Memória*. Porto, Texto Editora.